

Penelope Worsley, Salahae e uma mulher *karen* atravessam um riacho a caminho de uma vila na montanha.

# A promessa de Penelope

Após a trágica morte do filho, Penelope Worsley dedicou-se a realizar o sonho dele – ajudar os *karens*, na Tailândia

POR BRIAN EADS

**N**UMA MADRUGADA FRIA de novembro de 1996, Penelope Worsley foi acordada às 4 horas pelo insistente som da campainha. Sozinha em sua casa em York, Inglaterra, abriu a porta para um oficial do Exército britânico, que lhe informou que seu filho, o tenente Richard Worsley, havia sofrido um acidente de carro na Alemanha. “Sinto muito, mas ele morreu”, disse o militar.

Penelope perguntou-lhe se aceitava uma xícara de café. Ele recusou, mas, preocupado com a reação dela, retornou duas vezes para se certificar de que ela estava bem. Na verdade, Penelope Worsley já conhecia bem as agruras da vida. O marido e dois dos quatro filhos padeciam do mal de Huntington, uma doença neurodegenerativa progressiva para a qual não há cura. A boa saúde de Richard só agravava a tragédia de sua morte, aos 24 anos.

ANTES DE INGRESSAR NO Exército, Richard passara seis meses na Tailândia como voluntário, morando e trabalhando com agricultores de subsistência da tribo *karen*, na remota floresta próximo à fronteira com Mianmá. Ali, o impetuoso adolescente havia aberto valas, encaixado canos e construído uma caixa-d'água para fornecer água potável a uma pequena aldeia empobrecida nas montanhas.

Com Salahae, um simpático *karen*

sa havia sido dedicado a seu filho. A notícia a comoveu profundamente.

A iniciativa partira de Wichien Bunrachaisawan – Salahae era seu nome *karen* –, o gerente de projetos sobre quem Richard falara com tanto carinho anos antes. Penelope lembrou que o filho havia lhe pedido para fazer o que pudesse pelos *karens*. “Eles realmente precisam de ajuda, pois não têm nada!”, desabafara ele. Na época, ela prometera fazer o que pudesse. Mas, preocupada com o

“Eles precisam de ajuda, **pois não têm nada!**”, disse Richard à mãe sobre os *karens*.

que gerenciava o projeto, Richard cruzara florestas e colinas. Os dois jovens tinham a mesma sede de diversão, sempre apostando corrida nas encostas íngremes. Na floresta que cercava a aldeia do amigo, Richard aprendera técnicas de sobrevivência.

Nas noites frias, passadas em frágeis casas de bambu, aquecido por uma combinação de fogueira e uísque contrabandeado, o jovem inglês ensinara os aldeões a cantar canções de ninar. “Viver com os *karens* foi a experiência mais incrível que já tive. Adorei cada minuto.”

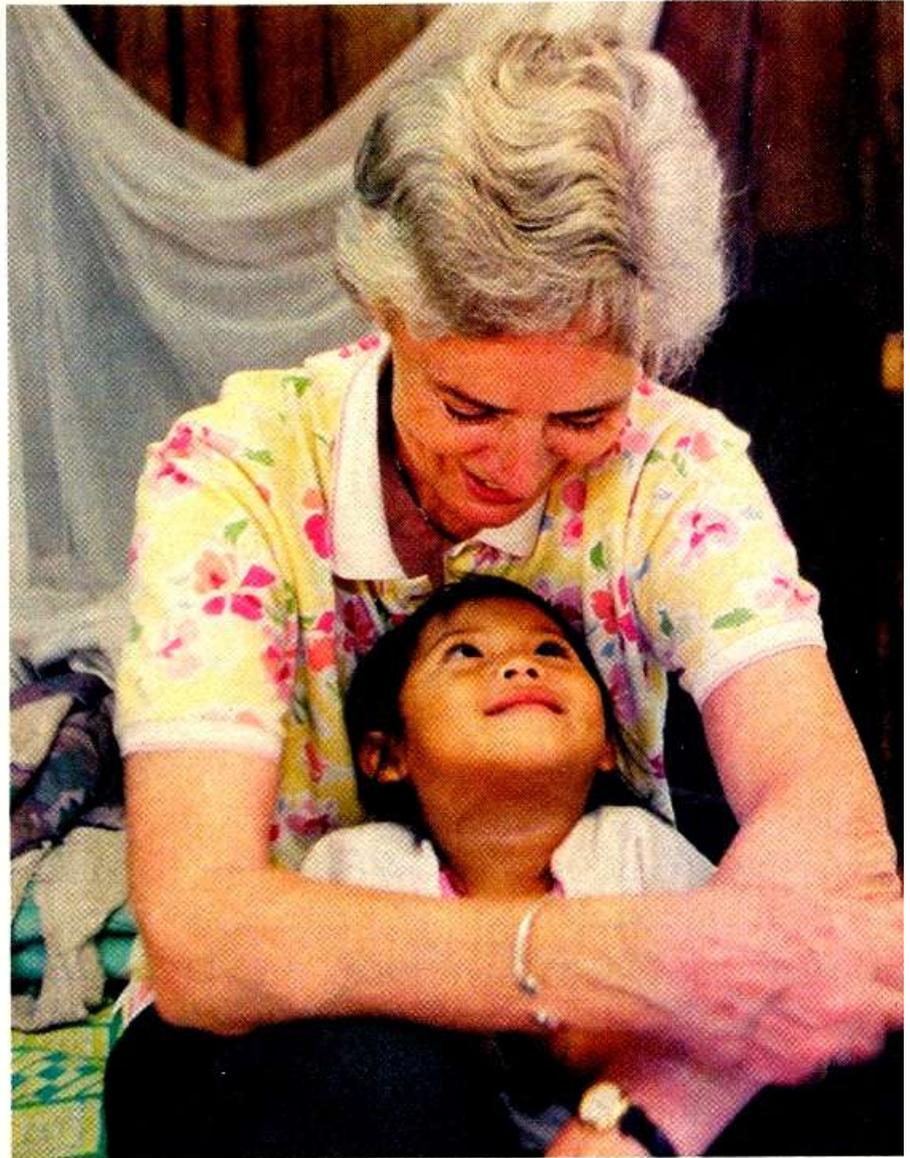
Alguns meses depois do enterro de Richard, Penelope recebeu um fax dizendo que o sistema hidráulico recém-instalado numa aldeia tailande-

que se passava em casa, não pensara mais no assunto. Até agora.

**P**ENELOPE nada sabia sobre os *karens* nem sobre canalização de água limpa para aldeias isoladas. No entanto, após décadas de trabalho voluntário, dirigindo uma casa para deficientes e atuando como presidente da Brigada de Ambulâncias St. John, sabia muito sobre arrecadação de dinheiro para causas merecedoras. Depois de ajudar a angariar fundos para a reforma de uma catedral inglesa histórica e do York Theatre Royal, ela havia aberto uma firma de consultoria para arrecadação de fundos.

Penelope estipulou a meta de 90 mil dólares. Primeiro, contatou todos que haviam comparecido ao enterro de Richard e pediu doações. Em seguida, foi para a Tailândia. Já estivera lá uma vez, na adolescência, saltando de país em país, da Inglaterra à Austrália, num pequeno avião. Agora, aproximando-se dos 60 anos e ávida para descobrir o que tanto fascinara o filho, viajava debaixo de chuva por estradas escorregadias nas florestas até Ban Huay Ku Pa, aldeia *karen* localizada na província de Mae Hong Son, no noroeste da Tailândia. Ali, Salahae a recebeu. Aos 32 anos, era esbelto e alegre, e Penelope gostou dele de imediato.

Sentia a determinação implacável por trás de seu jeito tranqüilo. O que ele contou de sua vida confirmava isso. O mais velho de dez filhos, Salahae caminhava sete quilômetros até a escola todos os dias. Incentivado por um padre missionário francês, ganhou uma bolsa para cursar o secundário e ingressou numa faculdade de administração perto de Bangcoc. Ao longo da última década, tinha construído sistemas de abastecimento de água potável para dezenas de aldeias *karens*. “Quero fazer bons sistemas, para que os *karens* fiquem mais fortes e possam se ajudar”, disse a Penelope.



**Já na primeira visita, Penelope sentiu uma conexão especial com o povo *karen*.**

MAE HONG SON é a província de população mais esparsa da Tailândia, habitada em grande parte pelas tribos das colinas. Os *karens* são o maior grupo, com uma população em torno de 400 mil em todo o noroeste tailandês. Poucas crianças *karens* recebiam educação além do primário. As escolas de nível médio ficavam nas cidades, quase sempre distantes, e as famílias não podiam pagar as passagens de ônibus. A febre tifóide, a malária cerebral e as doenças intestinais eram endêmicas

e freqüentemente mortais. O filho, uma irmã, um irmão, sete tios e dez primos de Salahae haviam morrido de febre tifóide ou malária.

Ban Huay Ku Pa tinha 70 famílias, espalhadas pela encosta de um grande vale. Não havia eletricidade nem água corrente. A água potável era recolhida de poços toscos cavados na margem do rio, que alagava nas enchentes. A água era coletada em baldes e carregada pelos barrancos escorregadios.

Somsri, uma animada jovem com um filho recém-nascido, reservara uma parte de sua casa para Penelope. Havia apenas uma esteira no chão e um mosquitoieiro, além de uma pequena banheira num canto, com uma bacia esmaltada, para ela se lavar. O vaso sanitário ficava num barracão, a certa distância dali.

Penelope imaginara que se sentiria sozinha, mas os *karens* cuidaram bem da visitante. À noite, ela se sentava com os novos amigos, chorando baixinho ao lhes contar sobre o terrível acidente de carro de Richard e sobre a promessa dele de jamais esquecer os *karens*. “Eu precisava vir aqui e ver com meus próprios olhos”, disse a eles.

Seu gosto por descobertas logo espelhava o do filho. Ignorando sanguessugas, mosquitos e plantas urticantes, ela subiu trilhas de montanha lamacentas com Salahae e ajudou a cavar valas para os canos que levariam água fresca às aldeias. Assim como os *karens*, Penelope dormia sobre a esteira no chão de

madeira, comia o que eles comessem e nunca reclamava.

Os moradores a chamavam de “tia” e admiravam sua garra e honestidade. Quando ela disse que em breve partiria, mas que voltaria, ninguém duvidou. Como o filho, a inabalável inglesa havia conhecido a amizade e a generosidade dos *karens*, e agora entendia o que Richard achara tão gratificante.

**D**E VOLTA à Inglaterra, em menos de um ano Penelope levantou quase os 90 mil dólares que havia estipulado. Uma pequena quantia foi reservada para gerar mais fundos, enquanto o grosso do dinheiro foi enviado para financiar mais projetos de água potável, bem como para pagar um pequeno salário a Salahae. Quando, em 1999, ele escreveu pedindo que ela criasse uma instituição de caridade para manter e ampliar seu trabalho, ela voltou imediatamente a Mae Hong Son para saber mais.

Ouvindo as dificuldades dos moradores, Penelope percebeu que os problemas não eram irremediáveis. A febre tifóide e as doenças intestinais se deviam à água contaminada. Trabalhando com moradores e voluntários, Salahae podia localizar uma nascente, construir um reservatório e um sistema simples de filtração com pedras, cascalho e areia, instalar uma tubulação plástica até uma aldeia e construir duas caixas-d'água com capacidade para 10 mil



litros – tudo em menos de um mês. O custo para levar água potável a uma comunidade de 100 famílias ficaria em torno de 5.400 dólares.

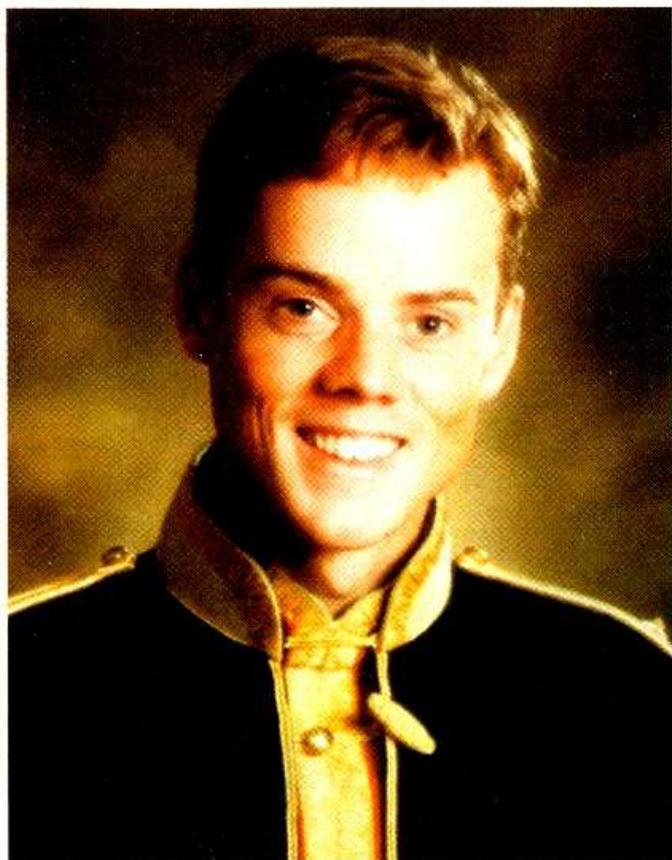
Os mosquitos da malária atacavam principalmente durante a noite, e o uso do mosquiteiro diminuía muito o risco de picadas e infecção. Uma boa rede de algodão custava 4 dólares. Quanto ao transporte das crianças para as escolas, o gasto com passagens de ônibus ficaria em cerca de 90 dólares anuais.

De volta à Inglaterra e confiante de que ela e Salahae podiam trabalhar juntos e obter bons resultados, Penelope fundou a Karen Hilltribes Trust (KHT). Além de instalar siste-

**Graças aos esforços de Penelope e Salahae, hoje milhares de pessoas têm acesso a água potável.**

mas de água potável, seus principais objetivos eram oferecer melhores condições de saúde, oportunidades de educação e novas fontes de renda. Enquanto Salahae percorria Mae Hong Son em sua velha motocicleta, verificando o que podia ser feito, Penelope procurava doações e voluntários e, pelo menos duas vezes por ano, ia à Tailândia visitar aldeias remotas.

O que eles conseguiram é extraordinário. Salahae instalou sistemas de água potável para mais de 40 aldeias



**O amor de Richard Worsley pelo povo karen vive em sua mãe.**

e a febre tifóide nesses lugares foi reduzida em 90%. Em Ban Huay Kong Paw, os moradores agora recebem água potável pelos canos espalhados entre as casas. Thayut, o líder da comunidade, festeja: “A água potável mudou nossas vidas!” Além disso, a KHT forneceu mosquiteiros à maioria das famílias e a incidência de malária caiu drasticamente.

Em outros locais, a KHT paga três ônibus que levam as crianças às escolas. Perto de Mae La Noi, o grupo está construindo um dormitório para 50

crianças de aldeias menos acessíveis que não contam com escolas primárias. E, em 2004, oito jovens *karens* se matricularam em universidades, com bolsas da KHT que equivalem a uma média de 360 dólares: quase o dobro do que algumas famílias *karens* ganham em um ano.

Penelope trabalha incansavelmente para garantir a disponibilidade de dinheiro. Numa loja montada em sua casa e pelo *site* da KHT, ela vende artigos de tecelagem e talheres *karens*. Também convenceu burocratas da União Européia a financiar dois projetos de água potável. Uma agência de turismo australiana comprometeu-se a doar três dólares por cada turista que enviasse à Tailândia, enquanto muitos dos 150 voluntários ocidentais recrutados para trabalhar com os *karens* fazem contribuições regulares e ainda pedem ajuda.

DIZ O FOLCLORE *karen* que, quando morrem, os verdadeiros amigos viram estrelas no céu. Muitas pessoas que conheceram Richard Worsley acreditam que ele esteja lá em cima, brilhando no vasto céu noturno do norte da Tailândia, olhando por elas.

Pensando no filho e enxugando as lágrimas, Penelope suspira: “Quase posso sentir a alegria de Richard com o que estamos fazendo.”

### QUAL É O NOME DO FILME?

Esta é para quem tem 10 anos, ou para você que não tem mas pode fingir ter: Um homem acidentalmente sentou-se em um cachorro.

Qual é o nome do filme?

R: *Sento em um dalmata.*